



Edgar A. Poe  
**O poço e o pêndulo**

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Ana Paula Moreira

Gabriela Silva Guimarães

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

**Título original**

*The pit and the pendulum*

**Conselho Editorial**

BIOMÉDICA ESP. GABRIELY CRIVARI DE ALMEIDA LIMA

*Especialista em Assistência Dermatológica Especializada pelo Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL)*

BIOMÉDICA M.<sup>a</sup> MARYANA LOURENÇO BASTOS DO NASCIMENTO

*Mestra em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP)*

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACSM*

**Capa e Design**

Renato Massaharu Hassunuma

**Créditos das Figuras**

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Rackham A. The pit and the pendulum. File:Poe's Tales of Mystery-Rackham-135.jpg [Internet]. 1850 [acesso 27 jul 2024]. Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Poe%27s\\_Tales\\_of\\_Mystery-Rackham-135.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Poe%27s_Tales_of_Mystery-Rackham-135.jpg).

Figura registrada como: *Public domain*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P743p

1.ed. Poe, Edgar A., 1809-1849

O poço e o pêndulo [livro eletrônico] / Edgar A. Poe;  
tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma, Ana  
Paula Moreira, Gabriela Silva Guimarães. – 1. ed. – Bauru,  
SP: Canal 6, 2025.

PDF

Título original: The pit and the pendulum.

ISBN 978-85-7917-692-0

1. Ficção norte-americana. I. Hassunuma, Renato  
Massaharu. II. Ana Paula Moreira. III. Gabriela Silva  
Guimarães. IV. Título.

08-2025/63

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129



Edgar A. Poe  
**O poço e o pêndulo**

ADAPTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

*Professor Titular do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Ana Paula Moreira

*Aluna do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Gabriela Silva Guimarães

*Aluna do Curso de Biomedicina  
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

1ª Edição / 2025  
Bauru, SP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a *Biomédica Esp. Gabriely Crivari de Almeida Lima, Biomédica M.<sup>a</sup> Maryana Lourenço Bastos do Nascimento e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva*, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradecemos o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma  
Ana Paula Moreira  
Gabriela Silva Guimarães*

## APRESENTAÇÃO

O conto **O poço e o pêndulo** foi publicado pela primeira vez em 1842. O narrador da história descreve uma série de torturas sofridas por um prisioneiro durante a Inquisição Espanhola.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 - Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

É importante mencionar também que esta obra teve o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, como parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado **“A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos”**.

Uma boa leitura!

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma  
Ana Paula Moreira  
Gabriela Silva Guimarães*



Edgar A. Poe  
O poço e o pêndulo

# O Edgar A. Poe poço e o pêndulo

Eu estava ficando doente. Doente por causa daquela agonia que não tinha mais fim. Quando eles finalmente me soltaram, eu pude sentar e me senti mais fraco do que nunca. “Sentença da morte” foram as últimas palavras que eu escutei. Depois disso, pouco conseguia ouvir daquelas vozes. Pouco tempo depois, não ouvi mais nada. No entanto, eu vi os lábios dos juízes vestidos de preto, que eram brancos como a folha em que escrevo essas palavras. O destino que traçavam para mim ainda estavam saindo daqueles lábios. Eu via meu nome sendo moldado por aqueles lábios. Mas eu não conseguia escutar nada. Conseguia enxergar apenas as cortinas pretas que cobriam todas as paredes e sete velas altas sobre uma mesa. No início, aquelas pessoas pareciam anjos que me salvariam. Mas então, senti uma náusea ao ver as formas de anjo se transformando em espectros que não iriam me ajudar. Os juízes desapareceram diante de mim como mágica. As velas altas afundaram repentinamente e suas chamas se apagaram por completo. Com isso veio a escuridão, o silêncio e a noite.

Adormeci. Depois de um tempo, despertei de um sono profundo. Sentia apenas o som das batidas do meu coração. Em seguida, houve uma pausa como se tudo estivesse em branco. Então, começou uma sensação de formigamento que se espalhou por todo meu corpo. Após um bom tempo, tentei me mover, enquanto relembrava as imagens em minha memória do julgamento, dos juízes, das cortinas, da sentença e do desmaio, no intuito de compreender a minha situação naquele momento.

Eu estava deitado de costas e até aquele momento não tinha aberto os olhos. Estendi minha mão e senti o chão duro e úmido em meus dedos. Eu ansiava observar o local, mas hesitava em abrir os meus olhos. Até que em um momento de desespero, abri os olhos. Meus piores pensamentos foram confirmados. Eu estava envolto pela escuridão da noite eterna. Eu lutava para respirar. A escuridão extrema me oprimia e me sufocava. Eu ainda estava deitado em silêncio, esforçando para pensar racionalmente. Acho que muito tempo se passou desde que cheguei ali. O piso era de pedra e havia pouca iluminação. Aquele calabouço parecia estar em Toledo.

Aos poucos fui me recuperando. Levantei tremendo. Ergui meus braços descontroladamente em todas as direções. Não havia nada ao meu redor. Eu temia andar e esbarrar em alguma das paredes da tumba. O suor formava grandes gotas frias na minha testa. Já não tolerava mais a agonia do suspense. Andei cautelosamente com os braços estendidos e os olhos se esforçando para captar algum leve raio de luz. Prossegui por alguns passos. Só havia escuridão e vazio. Agora eu conseguia respirar um pouco melhor.

Enquanto eu caminhava lentamente, eu pensava se fui deixado para morrer de fome neste mundo subterrâneo de escuridão. Ou qual outro destino, talvez ainda pior, poderia me esperar? Como seria minha morte?

Minhas mãos estendidas finalmente encontraram algo. Era uma parede de pedra lisa, viscosa e fria. Eu segui, pisando com desconfiança. Eu não tinha ideia do tamanho daquela masmorra. Levaram tudo o que estava comigo, tiraram minha faca e trocaram minhas roupas.

Então, tive a ideia de fazer uma marcação na parede de modo a identificar meu ponto de partida. Rasguei uma parte da minha roupa e encaixei o pedaço de pano em uma fresta na parede. Ao tatear meu caminho pela prisão, eu conseguiria encontrar esse trapo ao dar a volta completa no lugar. Mas o chão estava muito úmido e escorregadio, eu cambaleei para a frente, tropecei e caí. Cansado, permaneci deitado e logo o sono chegou.

Quando acordei, estendi o braço e encontrei um pão e uma jarra com água ao meu lado. Comi e bebi com muita vontade. Pouco depois, retomei minha caminhada pela prisão e, com muito trabalho, finalmente encontrei o fragmento da sarja. Havia ao todo cem passos e presumi que a masmorra tivesse cinquenta metros de circunferência. Eu não tinha muitos objetivos, nem esperanças do que fazer com essas medidas. Mas a minha curiosidade me levou a continuar a investigar o local.

Saindo da parede, resolvi atravessar a área do recinto. Segui com muita cautela, pois o chão estava todo coberto por lodo. Tentei cruzar a área aberta em uma linha reta. Dei cerca de dez ou doze passos até que tropecei em minha própria roupa e caí de cara no chão.

Ainda caído, percebi que meu queixo tocava o chão, mas meus lábios e a parte superior da minha cabeça não tocavam nada. Senti um vapor úmido vindo em minha testa e um cheiro peculiar de fungos em decomposição. Coloquei meu braço para a frente de meu rosto e tremi ao perceber que havia caído à beira de um poço circular, cujo tamanho eu não saberia dizer.

Tateando a alvenaria logo abaixo da margem, consegui desencaixar um pequeno fragmento da parede do poço e deixei-o cair. Por alguns segundos, ouvi o som do objeto se chocando contra as paredes do abismo durante a sua queda. Por fim, escutei o fragmento caindo na água, seguido de ecos altos.

Ao mesmo momento, ouvi um som de uma porta abrindo e fechando rapidamente no teto, ao mesmo tempo em que um fraco brilho de luz apareceu e desapareceu em meio à escuridão.

Entendi que eu havia sido capaz de escapar da armadilha do poço. Se tivesse dado um passo a mais antes da minha queda, o mundo não me veria mais. Ainda tremendo, tateei meu caminho de volta para a parede, resolvendo permanecer ali ao invés de me arriscar a me aproximar do poço. A minha agitação me manteve acordado por longas horas. Mas finalmente, consegui dormir novamente.

Ao acordar, encontrei novamente ao meu lado um pão e uma jarra de água. Bebi toda água em um gole, porém ela devia estar envenenada, pois me senti extremamente fraco. Um sono profundo caiu sobre mim.

Não sei dizer ao certo por quanto tempo dormi, mas ao abrir os olhos, consegui enxergar os objetos ao meu redor. Pude ver a extensão e o aspecto da prisão. A respeito do tamanho do lugar, eu estava muito enganado. Aquelas paredes não deviam ter mais de vinte e cinco metros de circunferência. Fiquei um tempo tentando deduzir o que eu havia feito de errado naquela medição. Creio que na minha confusão, comecei à medição na parede à esquerda e terminei na parede à direita. Também me enganei em relação à forma do recinto. Pensava ter o formato de um círculo, porém a forma geral da prisão era quadrada. As paredes eram feitas de metal corroído e eram ilustradas com figuras de demônios ameaçadores, esqueletos e outras imagens assustadoras.

As figuras na parede tinham cores desbotadas e borradas, como se fossem os efeitos de uma atmosfera úmida. Notei que o chão era realmente de pedra e ao centro havia um único poço circular, como havia suposto.

Tentei observar tudo com muito esforço. Eu estava deitado de costas, embaixo de uma espécie de estrutura baixa de madeira. Enquanto estava desmaiado, eu havia sido preso por uma longa corda que dava muitas voltas ao redor dos meus membros e meu corpo. Eu conseguia movimentar apenas a cabeça e meu braço esquerdo que usava para me alimentar da comida deixada em um prato de barro que estava ao meu lado. Percebi, para meu desespero, que o jarro de água havia sido removido. Eu estava morrendo de sede, especialmente porque a comida estava propositalmente muito salgada.

Olhei para cima, e observei o teto daquela prisão. Tinha cerca de 9 ou 12 metros de altura. Em um dos painéis no teto, uma imagem representando o tempo segurava um enorme pêndulo com o formato de uma foice, como vemos em relógios antigos. Enquanto o observava, imaginava como seria seu movimento. Mas foi só eu esperar um tempo, porque logo o pêndulo começou a se mover lentamente de um lado para o outro.

Um barulho atraiu minha atenção. Ao olhar para o chão, vi vários ratos enormes caminhando. Eles saíam do poço, que ficava bem à minha direita. Eles subiram em grupos, com olhos vermelhos vorazes, atraídos pelo cheiro da carne da comida. Precisei de muito esforço para assustá-los.

Não sei ao certo após quanto tempo olhei para aquele pêndulo. Notei que ele estava cada vez mais rápido. Mas o que mais me perturbou foi o fato de ele ter descido quase um metro. Observei horrorizado que na borda inferior do pêndulo havia uma lâmina em meia lua feita de um metal brilhante.

Tinha cerca de trinta centímetros de comprimento de ponta a ponta. Aquelas pontas do pêndulo estavam voltadas para cima, como se fossem chifres. A borda inferior parecia tão afiada, maciça e pesada quanto uma navalha afiada. Ele pendia por uma haste pesada de latão, e seu movimento causava um sibilo enquanto balançava no ar.

Compreendi então que outro método de execução tinha sido preparado para mim. Eu contava os movimentos apressados do pêndulo. Percebi que ele descia de tempos em tempos, muito lentamente. Mas o tempo passava, enquanto o pêndulo se aproximava de mim. Senti o odor do aço afiado. Comecei a enlouquecer. Orei por sua descida mais rápida e então desmaiei novamente.

Acordei fraco, doente e faminto. Mesmo em meio às agonias daquele momento, eu ansiava por comida. Com um esforço doloroso, estendi meu braço esquerdo até onde minhas amarras permitiam. Peguei um pequeno pedaço de pão que não havia sido devorado pelos ratos. Ao colocar aquele pedaço em meus lábios, veio à minha mente um pensamento de esperança.

O movimento do pêndulo era perpendicular ao meu comprimento. A sua lâmina estava posicionada para atravessar a região do coração. Ele desgastaria a sarja das minhas vestes, voltaria e repetiria os movimentos de novo e de novo. Eu tentava imaginar como poderia deter a descida do pêndulo. Mas ele se movia constantemente para baixo. Ele chegava a menos de três centímetros do meu peito! Lutei violentamente para libertar meu braço esquerdo, o qual estava livre apenas do cotovelo à mão. Eu poderia alcançar o último pedaço de pão do prato ao meu lado ou tentar segurar o pêndulo. Percebi que mais dez ou doze movimentos do pêndulo, a lâmina tocaria a minha roupa. Imaginei que o primeiro golpe da lâmina em qualquer parte da corda, poderia cortá-la de tal forma que eu poderia tentar escapar. Mas não poderia me mover.

Seria possível que o torturador não houvesse pensado nessa possibilidade? Será que o pêndulo passaria bem em cima das cordas que atravessavam meu peito?

Ao deitar minha cabeça, tive uma ideia. Eu estava rodeado por ratos. Ficava imaginando a que tipo de comida aqueles roedores estavam acostumados a comer dentro do poço. Eles haviam devorado quase tudo, exceto alguns farelos no prato.

Movi minha mão para alcançar um curativo de pano que eu havia feito e que estava todo ensanguentado. Esfreguei o sangue na corda. A princípio, os ratos ficaram assustados com o movimento. Eles recuaram alarmados e muitos retornaram ao poço. Esfreguei também os restos de comida que havia no prato na corda que me prendia.

Depois de um tempo fiquei parado. Os ratos observaram que eu permanecia sem me mover. Um ou dois dos animais mais ousados saíram do poço. Logo centenas deles subiram sobre mim. O movimento do pêndulo não os perturbava em nada. Eles estavam ocupados roendo as cordas com o sangue do curativo. Eles me atacaram em montes cada vez maiores. Eles se contorceram na minha garganta e seus lábios frios procuraram os meus. Eu estava sufocado por aquela aglomeração. Uma sensação de nojo tomou o meu coração. No entanto, em um minuto, senti que a luta terminaria. Percebi claramente o afrouxamento da corda. Eu sabia que em mais de um lugar ela já deveria estar cortada. Permaneci imóvel.

Por fim, senti que estava livre. A corda pendia em faixas ao lado do meu corpo. Mas o golpe do pêndulo já pressionava meu peito. Cortou a sarja da minha roupa. Duas vezes novamente ele balançou e uma forte sensação de dor percorreu todos os nervos. Mas o momento da fuga havia chegado. Com um movimento constante, cauteloso, lateral, encolhendo e lento, deslizei para além do alcance do pêndulo. Por enquanto, pelo menos, eu estava livre.

Livre, mas ainda nas garras da Inquisição! Eu mal havia me levantado daquela tábua de madeira à qual estava preso, quando o movimento da máquina infernal cessou e eu a vi sendo puxada através do teto. Todos os meus movimentos eram, sem dúvida, observados.

Mas fui entregue a algo pior. Ao olhar as barreiras de ferro que me cercavam, observei que os olhos demoníacos brilhavam com uma vivacidade selvagem e medonha. Eles olhavam para mim de todas direções. Entendi que o brilho dos olhos vinha do fogo que vinha por trás daquelas paredes. Sentia o cheiro de ferro aquecido. Um odor sufocante que invadia a prisão! Eu ofeguei! Não conseguia mais respirar direito! Corri para a beira mortal do poço para tentar respirar. Com um grito, corri da margem do poço e enterrei meu rosto em minhas mãos, chorando amargamente.

O calor aumentou rapidamente e mais uma vez olhei para cima. Houve uma segunda mudança no teto daquele lugar. A sala que era quadrada agora estava num formato de um losango. As paredes começaram a se fechar e a me empurrar para frente em direção ao poço. Meu corpo estava queimando. Eu ia perdendo apoio no chão. Minha agonia encontrou vazão em um grito alto, longo e desesperado.

De repente, ouvi vozes humanas! E depois um toque alto de muitas trombetas! As paredes queimando voltavam para sua posição original! Um braço me puxou para fora daquela câmara, enquanto eu caía desmaiado. Era o braço do general Lasalle. O exército francês havia entrado em Toledo. A Inquisição estava nas mãos de seus inimigos!



O conto **O poço e o pêndulo** foi publicado pela primeira vez em 1842. O narrador da história descreve uma série de torturas sofridas por um prisioneiro durante a Inquisição Espanhola.